

Documento de Pré-Fundação

27 de Outubro de 1912

Introdução

Em 1911 o P. Kentenich foi nomeado professor de latim e alemão no Seminário Menor dos Padres Pallotinos em Ehrenbreitstein, uma pequena vila nas margens do Reno a poucos quilómetros de distância de Schoenstatt. Começou as suas aulas com uma frase que permaneceu gravada na mente dos seus alunos: "Agora queremos trabalhar juntos. Vou exigir-vos muito, mas também podeis exigir de mim o máximo. Assim vamo-nos tornar bons amigos este ano".

Esta frase é símbolo de uma atitude e também de um método novo na educação. Naquele tempo reinava a distância entre professor e aluno, a aprendizagem era estática e de memorização. Em contrapartida a maneira do P. Kentenich dar as suas aulas era dinâmica. As suas matérias não eram as mais amenas, mas conseguiram captar os alunos, uma vez que havia diálogo e participação activa.

Em Setembro de 1912 os cursos superiores de humanidades mudaram-se de Ehrenbreitstein para Schoenstatt, onde até a essa data só estavam os cursos menores. Este facto trouxe uma pequena revolução. Em Ehrenbreitstein havia uma disciplina mais livre e o lugar era mais amplo, quase romântico, pois a casa tinha a aparência de um castelo voltado para o Reno. Com a mudança impôs-se uma disciplina mais rígida. A nova casa não tinha, para eles, nenhum encanto: era um edifício onde não se sentiam à vontade. Tudo isto conduziu a uma rotura nas relações de confiança entre professores e alunos.

Nestas circunstâncias criou-se o posto de Director Espiritual para os jovens. O Padre Provincial Kolb pensou no P. Kentenich, mas não se decidiu a nomeá-lo para não o destituir do seu posto de professor onde desenvolvia uma actividade valiosa. O P. Kolb nomeou dois padres sucessivamente; mas ambos tiveram que abandonar os seus postos por motivo de doença. Deste modo a Divina Providência fez pensar de novo no P. Kentenich o qual foi definitivamente designado para o cargo em Outubro de 1912.

Com este facto inicia-se propriamente a etapa em que Deus vai colocar o P. Kentenich no caminho directo para a fundação do Movimento.

No Domingo 27 de Outubro de 1912, o novo Director Espiritual deu a sua primeira conferência aos alunos. A luz dos acontecimentos posteriores viu-se esta conferência como o primeiro esboço e anúncio do que logo tomará forma plena em Schoenstatt, por isso se chamou DOCUMENTO DE PRÉ-FUNDAÇÃO. O próprio Padre Kentenich a intitulou de "Programa".

Indice

1. Introdução (1)
2. A relação que tivemos até agora (2-3)
3. A relação que vamos ter no futuro (4)
4. Proposta do "Programa" (5)
5. Explicação do "Programa" (6-20)
 - Queremos aprender (6-7)
 - a educar-nos a nós próprios - a auto-educação como imperativo do tempo (8-17)
 - como personalidades firmes (18)
 - como pessoas livres (19)
 - como personalidades sacerdotais (não foi desenvolvido)
 - sob a protecção de Maria (20)
6. Perspectiva para o futuro (21-23)

Texto

(1) Hoje só quero apresentar-me . “Por causa desta resposta do candidato Yob, todos abanaram a cabeça”. Com este verso, profundo de sentido e altamente poético, de uma conhecida epopeia , pode-se fazer uma brincadeira - e, naturalmente, como corresponde à natureza da brincadeira, ele pode ser tornado ainda mais espirituoso - talvez mais ou menos assim: “À notícia do novo director espiritual todos esticaram o pescoço”. À notícia do novo director espiritual... do novo director espiritual - é genitivo objectivo e quer dizer: da escolha do novo director espiritual. Diga-se de passagem que assim respondi ao desejo de Theile . Ele propôs-me que dissesse hoje alguma coisa sobre o genitivo. Então, Theile, estás satisfeito ou ainda queres saber mais alguma coisa?

Brincadeira à parte! Sei que o gracejo reflecte o vosso estado de espírito, a vossa atitude perante a minha nomeação. Estão admirados e estão desiludidos. Por isso, o "esticar o pescoço" generalizado. Mas parece que é perigoso ficar muito tempo com o pescoço retesado. Até se pode ficar com torcicolo. Foi por isso que repus a minha cabeça e o meu pescoço na posição normal e me resignei ao inevitável. Talvez,... e, por isso, hoje quero prestar-vos contas: sobre a relação que tivemos até agora, e sobre a relação que vamos ter no futuro.

(2) Como foi a nossa relação até agora? Podemos descrevê-la em poucas palavras. Não tínhamos nada que ver uns com os outros. Passávamos uns pelos outros sem entrar em choque ou nos bombardearmos com olhares hostis. Até aqui, tudo é ainda inofensivo. Mas talvez não seja tão agradável e indiferente confessar-vos que foi por princípio que evitei conscientemente uma relação mais próxima. Quando, no ano passado, fui para Ehrenbreitstein, o Padre Reitor pediu-me para, quando o desejásseis, atender as vossas confissões. Mas defendi-me com unhas e dentes e por fim consegui que me deixassem em paz. Porquê? Não queria ter nada a ver convosco para poder dedicar o resto do meu tempo e das minhas forças aos leigos, sobretudo aos velhos pecadores endurecidos. Queria caçar os chamados "cordeiros pascais" , e a minha maior alegria de sacerdote era ver chegar um deles com uma carga pesada de velho entulho, acumulada durante anos, que até fazia ranger o confessionário.

(3) Agora compreendem mais ou menos a minha maneira de proceder. Mantive uma atitude de reserva - não por desprezo, não por desconhecer as emoções e as necessidades mais nobres e mais delicadas da psicologia juvenil, nem por ser da opinião que estudantes não possam sofrer abalos espirituais profundos. Sim, se antes alguém me tivesse dito "aquele ou aquele outro está a atravessar uma grande crise interior" teria tido todo o gosto em dedicar-me a ele. Mas estas coisas não se dizem antes. Por isso, cortei o problema pela raiz e resolvi não me preocupar absolutamente com nada.

(4) Agora recebo a nomeação para Director Espiritual - sem qualquer iniciativa da minha parte nesse sentido. Deve, portanto, ser vontade de Deus. Por isso, aceito, firmemente decidido a cumprir da maneira mais perfeita todos os meus deveres em relação a todos e a cada um de vós. Ponho-me inteiramente à vossa disposição, com tudo o que sou e o que tenho: com o que sei e o que não sei, com todas as minhas capacidades e incapacidades, mas sobretudo com o meu coração.

Só vou dedicar à realização da minha ideia predilecta o tempo que ainda me sobrar.

Espero que nos entendamos bem, que faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para atingir o nosso objectivo comum.

(5) Qual será então o nosso objectivo? Esta questão é importante porque o nosso relacionamento futuro depende da resposta que lhe dermos. Por isso, respondo-vos de forma breve e concisa:

“Sob a protecção de Maria queremos aprender a educar-nos a nós próprios para sermos personalidades firmes, livres e sacerdotais”.

A realização e o exercício desta meta vão ocupar-nos durante todo o ano. Hoje quero apenas dar-vos alguns esclarecimentos.

(6) Nós queremos aprender. Não só vós - eu também. Queremos aprender uns com os outros, porque nunca acabamos de aprender, sobretudo no que se refere à arte da nossa auto-educação que representa a obra, a tarefa, o trabalho de toda a nossa vida.

(7) Queremos aprender, não apenas teoricamente: talvez tenha que se fazer assim, assim está bem, assim é que é bonito, ou até necessário. Na realidade, isto não nos ajudaria muito. Temos que aprender também na prática, temos que pôr mãos à obra todos os dias, a toda a hora. Como é que aprendemos a andar? Ainda se lembram de como aprenderam a andar? Ou pelo menos de como os vossos irmãos mais pequenos aprenderam a andar? A mãe terá feito grandes discursos: Olha, António ou Maria - tens que fazer assim? Assim, ainda nenhum de nós andaria! Não, ela tomou-nos pela mão e pronto, começámos a andar. É andando que se aprende a andar, é amando que se aprende a amar; e é pela prática constante da auto-educação que também temos que aprender a auto-educar-nos. Ocasões para tal não nos faltam com certeza..

(8) Queremos aprender a educar-nos a nós próprios. Uma actividade nobre e elevada. A auto-educação ocupa actualmente o centro da atenção de todos os círculos culturais. A auto-educação é um imperativo da religião, um imperativo da juventude, um imperativo do tempo. Não quero desenvolver agora em detalhe estas ideias, mas esboçar brevemente apenas a última.

A auto-educação é um imperativo do tempo.

(9) Não é preciso ser grande conhecedor do mundo e do homem para constatar que o nosso tempo, com todo o seu progresso, com todas as suas descobertas, não pôde libertar as pessoas do seu vazio interior. É que todas as atenções, todas as iniciativas têm exclusivamente como objecto o macrocosmo, o grande mundo, o mundo exterior a nós próprios. Na verdade, não hesitamos em manifestar a nossa admiração pelo génio humano. O génio humano dominou as poderosas forças da natureza e submeteu-as ao seu serviço. Alcança qualquer distância na terra, sonda as profundezas do mar, perfura as montanhas da terra e voa pelo espaço. O impulso de pesquisa leva-o cada vez mais longe. Descobrimos o pólo norte e descortinámos continentes obscuros, examinámos com raios novos o nosso sistema ósseo, o telescópio e o microscópio desvendam-nos todos os dias mundos novos.

(10) Porém, há um mundo sempre antigo e sempre novo, um mundo - o microcosmo, o mundo em pequeno, o nosso próprio mundo interior - que continua desconhecido e inexplorado. Não existem métodos, ou pelo menos métodos novos, para radiografar a alma humana. “Todos os domínios do espírito foram cultivados, todas as faculdades potencializadas, só o mais profundo, o mais interior, o mais essencial da alma imortal é que continua demasiadas vezes a ser um terreno por cultivar”, lamentam até os jornais. É por isso que a nossa época é de uma pobreza e de um vazio interior assustadores.

(11) Mas há mais. Há algum tempo, um político italiano designou como o maior perigo, o facto de os povos atrasados ou semi-civilizados se apropriarem cada vez mais dos meios técnicos da civilização moderna, sem lhes ser transmitida a cultura intelectual e ética para utilizarem devidamente estas conquistas.

(12) No entanto, eu prefiro inverter a questão e perguntar: Estão os nossos povos cultos e civilizados suficientemente preparados e maduros para fazer uso correcto dos enormes progressos da época moderna em todos os domínios exteriores? Ou não será mais correcto afirmar que o nosso tempo se tornou escravo das suas conquistas? Na verdade foi o que aconteceu. O nosso domínio sobre os dons e as forças exteriores da natureza não andou a par e passo com o domínio das forças instintivas do nosso coração humano. Esta discrepância tremenda, esta brecha incomensurável torna-se cada vez maior e mais profunda - e, se não se conseguir, muito em breve, com toda a força, mudar a situação, encontrar-nos-emos perante o fantasma da questão social, da falência da sociedade. Em vez de dominarmos as nossas conquistas, tornamo-nos seus escravos; tornamo-nos escravos também das nossas próprias paixões.

(13) É preciso decidir! Para a frente ou para trás! Para onde? Vamos então retroceder! Teremos, portanto, que voltar à Idade Média, arrancar as linhas férreas, cortar os fios dos telégrafos, devolver a electricidade às nuvens e o carvão à terra, fechar as universidades! Não, nunca! Não queremos fazer tal coisa, não devemos fazê-lo, não podemos fazê-lo.

(14) Então avancemos! Sim, avancemos na pesquisa e na conquista do nosso mundo interior através de uma auto-educação consciente dos seus objectivos. Quanto maior o progresso exterior, maior o aprofundamento interior. É este o brado, o lema que está a ser propagado por toda a parte, não só entre católicos mas também no campo inimigo. Também nós, de acordo com a nossa formação, queremos seguir estas aspirações modernas.

(15) No futuro, já não poderemos deixar-nos dominar pelos nossos conhecimentos, mas temos que ser nós a dominá-los. Já não deverá acontecer dominarmos diversas línguas estrangeiras, segundo o objectivo do programa escolar, mas sermos os mais perfeitos ignorantes em relação ao conhecimento e à compreensão da linguagem do nosso coração. Quanto mais profundamente penetrarmos nas tendências e no desenvolvimento da natureza, tanto mais racional e adequadamente temos que saber enfrentar as forças instintivas e diabólicas no nosso interior.

O grau do nosso progresso no domínio das ciências tem que ser o grau do nosso aprofundamento interior, do crescimento da nossa alma. Caso contrário, cria-se também no nosso interior um vazio enorme, um abismo tremendo que nos faz sentir profundamente infelizes. Portanto, auto-educação!

(16) É o que exige o nosso ideal e o ímpeto do nosso coração, é o que exige a nossa sociedade, é o que exigem sobretudo as pessoas, nomeadamente aquelas com as quais nos vamos encontrar mais tarde na nossa futura actividade. Como sacerdotes temos mais tarde que exercer uma influência profunda e duradoura sobre o nosso ambiente. E, em última análise, não o fazemos pelo brilho dos nossos conhecimentos, mas sim pela força, pela riqueza interior da nossa personalidade.

(17) Temos que aprender a auto-educar-nos. Temos que nos educar a nós próprios; a nós próprios com todas as nossas capacidades. Veremos mais tarde quais são estas capacidades, qual é o objectum materiale do nosso auto-domínio.

(18) Temos que nos educar para nos tornarmos personalidades firmes. Há muito tempo que deixamos de ser crianças. Naquele tempo, deixávamos o nosso bom ou mau humor e os nossos estados de espírito determinarem o nosso actuar. Mas agora temos que aprender a agir guiados por princípios sólidos e claros. Tudo em nós pode vacilar. Tempos virão, com certeza, em que tudo em nós vai vacilar. Então, já não serão os actos religiosos a poder ajudar-nos. Uma só coisa nos pode ajudar: os nossos princípios. Temos que ser personalidades firmes.

(19) Temos que ser personalidades livres. Deus não quer escravos de galera, quer remadores livres. Outros podem arrastar-se pelo chão diante dos seus superiores, lambe-lhes as botas e agradecer serem pisados. Mas nós estamos bem conscientes da nossa dignidade e dos nossos direitos. Não é por temor ou coacção que nos inclinamos diante da vontade dos nossos superiores, mas porque o queremos livremente, porque cada acto de submissão racional nos torna interiormente livres e autónomos.

(20) Queremos colocar a nossa auto-educação sob a protecção de Maria. Foi o que prometemos no domingo passado. Agora temos que pôr mãos à obra. Sim, neste sentido ainda nos espera uma grande tarefa. Segundo os vossos estatutos, a devoção a Maria deve ser cultivada em comunidade. A forma exterior já existe: é a magnífica bandeira e a medalha. Mas ainda falta o principal: uma organização interna adequada à nossa situação, semelhante à das Congregações que, como é sabido, existem em diversos liceus e universidades.

(21) Queremos criar esta organização. Nós - não eu. Porque neste sentido não farei nada, absolutamente nada sem o vosso pleno consentimento. Não se trata de um trabalho momentâneo, mas de uma instituição

útil para as gerações futuras. Os vossos sucessores devem, portanto, poder usufruir do vosso zelo, do vosso conhecimento das almas e da vossa prudência. Tenho a certeza de que, se todos colaborarem, vamos conseguir algo proveitoso.

(22) Mas ainda aí não chegámos. Antes de mais temos que nos conhecer uns aos outros e que nos habituar a dialogar com liberdade entre nós, como corresponde ao nível da nossa formação.

(23) E assim concluo a minha prestação de contas. Tenho a certeza de que me compreenderam; sabem porque foi que até agora mantive uma atitude de tanta reserva em relação a vós; também conhecem os meus planos para o futuro. Vamos começar juntos a grande obra e, juntos, vamos realizá-la. Sob a protecção de Maria queremos aprender a educar-nos a nós próprios para sermos personalidades firmes, livres e sacerdotais. Que Deus nos dê a sua bênção. Amén.